

---

Kenneth S. Kendler, "Toward a philosophical structure for psychiatry",  
*American Journal of Psychiatry*, n. 162, p. 433-40, March/2005  
Resenhado por: Mário Eduardo Costa Pereira

---

## Propostas sobre a estrutura filosófica da psiquiatria contemporânea

Kenneth Kendler é, com certeza, um dos mais importantes e respeitados pesquisadores contemporâneos no campo da genética psiquiátrica. Confrontado à enorme complexidade epistemológica e metodológica implicada no estudo das bases biológicas dos fenômenos psicopatológicos, esse professor do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virgínia vem desenvolvendo, já há muitos anos, importantes contribuições teóricas sobre as matrizes filosóficas que deveriam presidir esse tipo de investigação científica.

O artigo aqui resenhado reveste-se de especial importância, pois fornece um amplo projeto de diretrizes filosóficas visando responder aos desafios atuais no estudo das relações entre mente e biologia na produção dos transtornos mentais.

Conforme explicita o *abstract* desse trabalho, o autor procura estabelecer um substrato filosófico e conceitual capaz de confrontar duas questões fundamentais para a psiquiatria: 1) como mente e cérebro se inter-relacionam? e 2) como podemos integrar múltiplas perspectivas explicativas das doenças mentais? Para abordar essas interrogações extremamente complexas, o professor Kendler sustentará oito proposições teóricas:

1) "A psiquiatria é incontornavelmente fundada nas experiências mentais de primeira pessoa" e 2) "O dualismo cartesiano é falso": segundo o autor, a rejeição do dualismo cartesiano decorre da evidência de que toda a experiência do mundo subjetivo humano emerge e depende

---

inteiramente do funcionamento cerebral. Logo, “o mental e o biológico tornam-se diferentes maneiras de se visualizar e/ou diferentes níveis de análise do sistema mente-cérebro”. Toda a questão estaria, portanto, na escolha dos níveis descritivos pertinentes para a abordagem de diferentes problemas teóricos e de pesquisa.

3) “O epifenomenalismo é falso”: correlativamente, a concepção epifenomenalista, segundo a qual o mundo mental não teria qualquer eficácia causal, sendo apenas uma expressão no campo da experiência subjetiva do funcionamento do *hardware*, deve ser igualmente rejeitada. Kendler sustenta o ponto de vista segundo o qual “pensamentos, sentimentos e impulsos interessam não apenas por que são responsáveis por uma enorme quantidade de sofrimentos humanos, mas por que eles fazem coisas.”

4) “Tanto a causalidade cérebro-mente, quanto a mente-cérebro, são reais”: a partir da recusa do epifenomenalismo, deve-se aceitar que os fenômenos mentais subjetivos, de primeira pessoa, têm eficácia causal no mundo, “afetando nossos cérebros e nossos corpos e, através deles, o mundo”.

5) “Os transtornos psiquiátricos são complexos do ponto de vista etiológico e nenhuma nova descoberta do tipo ‘espiroqueta’ (em alusão à descoberta da etiologia da neurosífilis) serão feitas no sentido de explicar suas origens em termos simples”: o autor chama aqui a atenção para o fato de que, historicamente, a psiquiatria tem buscado o estabelecimento de amplas e simples explicações neuropatológicas para os transtornos mentais, sem jamais encontrá-las. Ora, nossos conhecimentos atuais “embora incompletos, sugerem fortemente que todos os transtornos psiquiátricos maiores são complexos e multifatoriais”. Face a isso, sustenta Kendler, “precisamos manter nossas mentes abertas quanto à estonteante complexidade desses fenômenos e nos darmos conta, com humildade, que sua plena compreensão exigirá a rigorosa integração de múltiplas disciplinas e perspectivas”, expressando assim um ponto de vista que não poderia ser mais próximo da psicopatologia fundamental tal como concebida por Pierre Fédida.

6) “O pluralismo explicativo é preferível a abordagens explicativas do tipo monista, especialmente o reducionismo biológico”: salienta-se que nas últimas décadas tem-se consolidado o ponto de vista teórico do “reducionismo biológico”, segundo o qual o único plano explicativo válido para a elucidação dos transtornos mentais seria a descrição dos processos neurobiológicos básicos implicados nesses fenômenos. Opondo-se a tal perspectiva, o autor sustenta a posição de um “pluralismo explicativo”. Tal proposta supõe a adoção de perspectivas múltiplas, mutuamente informativas, que operam a partir de diferentes níveis de abstração e que fornecem diferentes e complementares tipos de compreensão. “O pluralismo

explicativo”, propõe Kendler, “é especialmente apropriado para a psiquiatria, pois os transtornos psiquiátricos são tipicamente influenciados por processos causais operando em diferentes níveis de abstração”. O autor passa, então, a apresentar uma série de argumentos a favor do pluralismo explicativo, entre os quais as evidências do papel central dos processos mentais subjetivos na etiologia dos transtornos psiquiátricos; o vasto corpo de provas mostrando a influência decisiva dos processos culturais sobre as doenças mentais; a necessidade de se estabelecer as formas de interação entre fatores genéticos e ambientais na constituição dos estados psicopatológicos e o caráter evidentemente histórico de importantes questões psiquiátricas, as quais não se deixariam reduzir a explicações estritamente biológicas.

7) “A psiquiatria deve ir além de uma ‘batalha de paradigmas’ pré-científica para abarcar a complexidade e para sustentar modelos explicativos pluralistas e empiricamente rigorosos”: nesse sentido, um pluralismo compatível organizaria a existência de diferentes níveis de análise, independentemente significativos. Ao lado desse, um pluralismo integrativo visaria incorporar divergentes níveis de análise, não por meio de grandes teorias gerais, mas pelo estabelecimento de pequenas integrações “locais” através dos diferentes níveis de análise.

8) “A psiquiatria deve tentar seriamente a construção de um ‘reducionismo feito de remendos’ com o objetivo de ‘integração peça-por-peça’, na tentativa de explicar pedaço por pedaço as complexas vias etiológicas conduzindo à doença”: “Quais deveriam ser nossos objetivos”, pergunta Kendler, “na busca da compreensão das extraordinariamente complexas redes causais do sistema mente-cérebro e suas interações com o ambiente psicossocial que conduzem ao adoecer psiquiátrico”? Ao que ele responde: “Embora o desenvolvimento da ‘Grande Teoria’ seja atraente e possa produzir um fecundo substrato heurístico, nós não estamos perto de desenvolver uma rede causal completa para qualquer transtorno psiquiátrico. Nem esse deve ser agora nosso objetivo primário”. Trata-se antes, para o autor, de se estabelecer aquilo que denominou esforços “pedaço por pedaço” no sentido de um pluralismo integrativo, resultando na clarificação de partes da rede causal e permitindo o avanço em direção a “uma compreensão etiológica mais completa das extremamente complexas disfunções mente-cérebro”.

Dessa forma, o artigo de Kenneth Kendler fornece, de forma altamente precisa e condensada, uma proposta de fundamentação filosófica para a abordagem de questões decisivas com as quais se confronta a psiquiatria contemporânea e constitui, por sua importância, uma espécie de “clássico imediato” da epistemologia psiquiátrica contemporânea.